

A INTERPRETAÇÃO DO SISTEMA DOS EXAMES IMPERIAIS NA LITERATURA JESUÍTA PORTUGUESA DO SÉCULO XVII

Minfen Zhang¹
Universidade de Estudos Internacionais de Shanghai
China
sofia@geosofia.com; zhangminfen@hotmail.com

Resumo

Depois de ter descoberto a rota marítima para a Índia, a presença portuguesa na China não parou de crescer. Além das iniciativas no aspeto económico, político e militar, o objetivo religioso também não foi esquecido. Neste período, registou-se um encontro sem precedentes das duas grandes civilizações, designadamente a civilização chinesa e a europeia. São numerosos os jesuítas portugueses que estiveram na China durante o século XVII e que concorreram para a divulgação na Europa do que viram e ouviram na China, através de relatos, diários e cartas. Na divulgação da cultura sínica na Europa destaca-se a ação dos jesuítas Álvaro Semedo, António de Gouveia e Gabriel de Magalhães. O presente texto tem por objetivo apresentar o sistema dos exames imperiais que estes três padres portugueses interpretaram nas suas relações sobre a China, analisando a sua visão sobre a educação, a forma e o conteúdo de exames imperiais, a seleção dos mandarins civis nas dinastias Ming e Qing da China.

Palavras-chave: interpretação, sistema dos exames imperiais, jesuítas, literatura portuguesa, século XVII

Com o descobrimento e a abertura da nova rota euroasiática, a presença portuguesa na China não parou de crescer. Além das várias iniciativas no aspeto económico, político e militar, o objetivo religioso também não foi esquecido. Após a primeira entrada dos

¹ Doutoranda em História dos Descobrimentos e Expansão Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa; docente do Departamento de Português da Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. SISU (Shanghai International Studies University), Faculdade de Línguas Ocidentais, Departamento de Português, Rua Wen Xiang, n.º 1550, Songjiang, Shanghai 201620, República Popular da China.

portugueses em Macau, em 1557, chegaram sucessivamente àquele porto muitos padres jesuítas, na companhia de mercadores, com o objetivo de pregarem a religião cristã em Macau. Contudo, todas as tentativas dos missionários para conseguirem entrada na China eram infrutíferas, por não conhecerem a língua chinesa. A situação apenas se alterou quando a Companhia nomeou Alessandro Valignano para Visitador do Extremo Oriente. O jesuíta italiano, por ocasião da sua primeira visita a Macau, para investigar a situação de missionação, depois de ter estudado e revisto os fracassos sucessivos na missionação da China, concluiu que era necessário alterar a estratégia adotada, se se quisessem abrir as portas do Império do Meio. Nos seus relatórios, salientou que os jesuítas deveriam aprender a falar, ler e escrever a língua chinesa; além disso, tinham também de estudar e conhecer bem os ritos e costumes chineses. Aliás, a presença cristã na China desenvolver-se-ia apenas com o aparecimento em cena de Matteo Ricci, que desde 1583 passou o resto da sua vida na China, tornando-se o fundador e dirigente com mais sucesso da empresa de missionação no interior do Império.²

Matteo Ricci, depois de ter analisado e estudado bem a situação de missionação na China, decidiu adotar a estratégia da acomodação cultural e da missionação académica. Tendo aproveitado as lições dos seus antecedentes, que tinham sido impedidos de entrar na China por motivo de não conhecerem a língua chinesa nem os ritos chineses, Matteo Ricci sublinhou que o assunto mais importante para os jesuítas era ter um conhecimento sólido da língua do Império do Meio. Portanto, daí para diante, todos os jesuítas, incluindo os jesuítas portugueses Álvaro Semedo, António de Gouveia e Gabriel de Magalhães, que estiveram na China mais tarde, estudaram a língua e costumes sínicos em Macau, antes de entrarem na China. Os padres ocidentais, depois de dominarem o chinês, começaram a traduzir e a interpretar os clássicos de Confúcio, no sentido de tentarem descobrir pontes de ligação entre a filosofia clássica chinesa e as doutrinas cristãs. Os jesuítas, em vez de “ocidentalizarem” os chineses, adotavam o método de se “auto-sinicizarem” para conseguirem desenvolver as missões no Império do Meio.

Os jesuítas portugueses Álvaro Semedo, António de Gouveia e Gabriel de Magalhães, que ficaram na China por muitos anos, aprenderam a língua chinesa e leram

² Ver COUCEIRO, Gonçalo. *A Igreja de São Paulo em Macau*, pp.15-60.

materiais chineses, privaram com mandarins e literatos chineses, e dedicaram-se ao estudo e à investigação da sociedade e cultura chinesas. Deram inevitavelmente lugar à proliferação de descrições síncricas, que pretendiam divulgar realidades anteriormente desconhecidas, nomeadamente o sistema dos exames imperiais e o sistema de mandarim civil da China. A sua visão dos exames imperiais chineses das dinastias Ming e Qing suscitou o enorme interesse e a especial atenção dos europeus, contribuindo para renovar o saber e a visão tradicional da Europa sobre a cultura chinesa naquela época.

1. Álvaro Semedo (1585-1657)

O jesuíta português Álvaro Semedo passou a maior parte da sua vida na China, sendo um dos testemunhos europeus da decadência da dinastia Ming e da ascensão da dinastia Qing. Dedicou toda a sua vida à grande causa de transmissão cultural e à obra de conversão dos chineses, sendo justamente considerado como o primeiro sinólogo português. Em 1608, partiu de Lisboa para a Índia, onde acabou os seus estudos teológicos em Goa. Dois anos depois chegou a Macau. Em 1613, foi enviado para a missão jesuíta de Nanquim e começou então a aprender a língua chinesa. Depois, permaneceu durante alguns anos na Província de Zhejiang, principalmente na cidade de Hangzhou, onde um importante mandarim chinês, o Dr. Yang Tingyun, lhe deu grande ajuda nas suas atividades missionárias. Visitou também as Províncias de Jiangxi e Nanquim. Depois de ter residido algum tempo em Jiading e Xangai, foi destacado para a cidade de Xi'an, onde foi o primeiro europeu a analisar a famosa estela dos Cristãos Nestorianos. Viveu alguns anos nas Províncias de Shanxi e Jiangxi, até 1636, altura em que foi enviado para Roma, na qualidade de Procurador da Vice-Província da China, para representar os interesses da missão chinesa. Embarcou então em Macau no ano de 1637. Durante a sua longa viagem em direção a Roma, começou a redigir um relato sobre a sua experiência no Império do Meio, concluindo em Goa o manuscrito da *Relação da Grande Monarquia da China* em 1638. Em 1640 estava em Portugal. Quando este missionário insigne regressou à China em 1644, foi nomeado para desempenhar por algum tempo o cargo de Vice-provincial das missões neste país, continuando a sua obra de

evangelização dos chineses até 1657, data da sua morte em Cantão, com 72 anos de idade.³ Na sua obra *Relação da Grande Monarquia da China*, expressa a sua grande admiração pelo sistema imparcial de seleção dos mandarins civis, apresentando-nos de forma muito detalhada o sistema de exames da China Imperial em meados do século XVII.

Em primeiro lugar, elogia abertamente a séria vocação para os estudos demonstrada pelos chineses, mesmo os de mais tenra idade. Nota o papel importante da educação moral, bons costumes e do princípio da obediência filial, porque “... *na China, onde quem gozar de má fama nisso, não pode ser admitido ao exame*”⁴. Salienta o grande significado da leitura silenciosa, da prática de escrita e da composição, no âmbito dos tradicionais estudos chineses. Na expressão de Semedo, os chineses estudavam tão rigorosamente que não lhes era permitido qualquer entretenimento ou recreio, sublinhando o método de estudo, *bei shu*⁵ para que “*se não socorram com os olhos da ajuda do compêndio*.” Para o jesuíta português, os chineses prestavam muita atenção à prática da escrita e da composição para se adaptarem ao sistema de exames. Estudavam apenas os *Quatro Livros*⁶ e os *Cinco Clássicos*⁷ porque as perguntas dos exames se relacionavam somente com estes livros.

Segundo Semedo, os chineses não estudavam em escolas ou universidades, antes eram educados por professores particulares contratados para lhes transmitirem não só os conhecimentos científicos, como também os ritos e os bons costumes, uma vez que todos os letrados tinham de manter boa reputação, sob pena de se verem impedidos de se candidatarem aos exames. Pode-se concluir que, naquela altura, tudo o que os letrados faziam estava relacionado com os exames imperiais, porque estes eram “*a coisa de maior importância deste reino, porque deles dependem os graus; destes os cargos públicos; e dos cargos públicos, as honrarias e os proventos*”⁸. Portanto, não é exagero afirmar-se que os letrados da China feudal viviam só para os exames, nada mais sabendo fazer e a nada mais se dedicando.

³ PFISTER, Louis. *Zaibua Yesu Huisi Liezhuan Ji Shumu (Notices Biographiques et Bibliographiques sur les Jesuites de l'Ancienne Mission de Chine 1552-1773)*, traduzido para chinês por FENG, Chengjun, pp. 148-152.

⁴ SEMEDO, Álvaro. *Relação da Grande Monarquia da China*, p. 83.

⁵ 背书 *Bei Shu*, decorar de costas voltadas para o livro.

⁶ Os Quatro Livros são: *Grande Escola, Harmonia Perfeita, Diálogos de Confúcio, Méncio*.

⁷ Os Cinco Clássicos são: Livro de Mutações, Livro de Historio, Livro de Odes, Livro de Ritos, Anais da Primavera e do Outono.

⁸ *Ibidem*, p. 89.

Especialmente os das famílias pobres consideravam o estudo como a única via para ascenderem socialmente, de forma a poderem alterar o seu próprio destino e o da família.

Com base na sua capacidade de observação minuciosa e num conhecimento profundo da língua chinesa, obtido ao longo de muitos anos de estudo, Semedo apresenta-nos uma descrição detalhada dos exames imperiais de três graus que se realizavam no século XVII, destacando o seu complicado processo e o seu alargado conteúdo, assim como os procedimentos para evitar fraudes e o tratamento de que os letrados gozavam depois de terem alcançado o grau. O jesuíta português apresenta de forma correta e minuciosa os exames de três graus dos exames imperiais da China, sendo um dos europeus que primeiro traduziu diretamente os títulos *xiu cai*,⁹ *ju ren*¹⁰ e *jin shi*¹¹ para bacharel, licenciado e doutor, respectivamente. “São três os graus: *sieucaí*,¹² *kiugin*,¹³ e *cinfu*¹⁴ e, para compreendermos, podemos dizer que a seu modo correspondem aos nossos de bacharéis, licenciados e doutores”¹⁵. Descreve-nos a forma como se faziam os exames, especialmente o *xiang shi*,¹⁶ exame para a obtenção do grau de licenciatura. Mostra-se muito interessado e curioso em relação ao *gong yuan*¹⁷, não poupando palavras para descrever a sua grandeza e majestade.

Nas palavras de Semedo, os exames eram um assunto muito sério e da maior importância, porque os examinandos não só eram vigiados pelos examinadores, como também pelos “*capitães e soldados*”. Além disso, ao entrarem, tinham que ser rigorosamente revistados, obrigados a “*trazerem o cabelo solto até baixo, as pernas nuas, com sapatos feitos de corda, o fato sem simulações ou pregas de qualquer espécie*”¹⁸. Semedo refere ainda que se lhes fosse encontrado qualquer papel, estes imediatamente seriam excluídos. Menciona também o

⁹ 秀才 Xiu Xai, eram aqueles que passavam o exame infantil.

¹⁰ 举人 Ju Ren, eram aqueles que passavam as provas do exame provincial.

¹¹ 进士 Jin Shi, eram aqueles que passavam as provas do exame metropolitano.

¹² 秀才 Xiu Xai, bacharel

¹³ 举人 Ju Ren, licenciado

¹⁴ 进士 Jin Shi, doutor

¹⁵ Ibidem, p. 87.

¹⁶ 乡试 Xiang Shi, o exame provincial.

¹⁷ 贡院 gong yuan, lugar onde se realizava o exame provincial.

¹⁸ Ibidem, p. 92.

“sistema de anonimato” adotado no exame dos licenciados para evitar a fraude e a corrupção.

“Os examinandos são obrigados a fazer duas cópias, sendo uma firmada com o seu próprio nome e os apelidos do pai e do avô, acompanhados de um pseudônimo que cada um escolhe, bem como os anos da sua idade. Esta cópia é fechada, escrevendo se na parte de fora, apenas o pseudônimo. As cópias abertas são imediatamente entregues às autoridades que, para este fim, foram nomeadas e que vão saindo. As fechadas são guardadas, segundo a sua ordem numérica, em lugar determinado e as abertas entregues aos escreventes, que as copiam com letra encarnada, para que a própria não seja reconhecida”¹⁹.

Este Sistema de Anonimato - *mifeng fenglu zhidu*²⁰ - teve início formal na dinastia Song do Norte, constituindo a reforma mais importante efetuada ao sistema de exames durante esta dinastia. A dinastia Ming continuou a utilizá-lo com o objetivo de aperfeiçoar o sistema de exames imperiais, evitar a corrupção e, assim, mostrar a imparcialidade dos exames, como refere Semedo.

Ainda segundo Semedo, depois do exame seguiam-se cerimónias e banquetes luxuosos, ficando os laureados “*imediatamente importantes, honrados e ainda venerados*”²¹. Porém, o jesuíta português manifesta algumas dúvidas sobre a possibilidade de ficarem “*logo ricos*” depois de terem conseguido o grau: “Já não põem mais o pé em terra, pois que, se lhes faltarem cavalos, sobram-lhes as liteiras. E não somente o graduado mas toda a sua família muda de situação, pensando em comprar as vizinhas e erigir palácios”²².

Semedo confessa-se um pouco confuso pela mudança súbita da situação económica dos laureados e da respectiva família. Como muito bem notou um famoso escritor chinês, Wu Jinzi (1701-1754), na sua obra *Rulin Waushu (História dos Literatos)*, ao escrever que, depois de Fan Jin conseguir o grau de “*ju ren*” (licenciado), muitas pessoas vieram visitar “*o novo Senhor Fan*”:

¹⁹ Ibidem, p. 93

²⁰ *mifeng tenglu zhidu*, em chinês: 弥封誊录制度

²¹ Ibidem, p. 95

²² Ibidem, p. 95

“Daí em diante, muitas pessoas foram lisonjeá-lo: algumas dão-lhe terras cultivadas, outras oferecem-lhe lojas e casas e, de algumas famílias pobres, o casal vem para prestar serviço. Passados dois ou três meses, Fan Jin possuía já criados e criadas, além de dinheiro e arroz”²³.

É fácil perceber por que tantos letrados levaram toda a vida nos exames imperiais e graus literários. Ainda na *Rulin Waushi (História dos Literatos)*, o senhor Ma Er afirma: “Se o mestre Confúcio vivesse hoje, teria de dedicar-se às prosas e aos exames imperiais; de outro modo, como podia conseguir cargo no governo?”²⁴

Álvaro Semedo elogia altamente o respeito do governo chinês pelos conhecimentos, pelos professores, pelos literatos, mesmo por aqueles que não possuíam graus: “Dos simples estudantes sem graus não se faz caso nem têm qualquer privilégio senão o serem tratados como nobres e assim os respeita o povo como lustre das suas terras”²⁵. Salientou ainda que “tão estimado é o saber entre eles, que sabem apreciar aqueles que merecem a verdadeira estima”²⁶.

Realça ainda que os chineses respeitavam os professores durante toda a vida, “*não lhes faltam, em tempo devido, com presentes e, quando passam de grau e são promovidos a cargos mais elevados, fazem-lhes favores e benefícios importantes*”²⁷. Escreve também que Alexandre da Macedónia tinha dito que se devia mais aos mestres que ensinavam que aos pais que procriavam; mas que só na China é que tal dívida era compreendida e se pagava.

O padre Álvaro Semedo sentiu uma imensa admiração pela política seguida pelo governo chinês de entregar a administração aos mandarins letrados com elevado grau académico, algo de muito diferente do que se passava na Europa, onde o poder estava apenas na mão da aristocracia, e onde as pessoas comuns muito raramente tinham oportunidade de exercer ofícios no governo, muito menos os mais favorecidos. Em termos de organização do estado, descreve-nos uma verdadeira “república das letras”, um país governado por um imperador absoluto, mas bondoso e poderoso, que não só se comportava

²³ WU, Jinzi. *Rulin Waishi (História dos Literatos)*, p. 47

²⁴ WU, Jinzi. *Rulin Waishi (História dos Literatos)*, p. 168

²⁵ *Ibidem*, p. 87.

²⁶ *Ibidem*, p. 87.

²⁷ *Ibidem*, p. 264.

de acordo com os regulamentos políticos e morais estipulados pelos clássicos confucionistas, como também nomeava os letrados que tinham sido aprovados nos exames imperiais e sabiam bem como administrar o Estado. “Acabadas essas solenidades tratam os graduados de passar logo para a corte para se doutorarem e, se quiserem governar, são logo providos”²⁸.

O que impressionou e admirou mais Semedo foi o sistema imparcial de nomeação de mandarins utilizado pelo imperador chinês, que entrega “toda a administração aos letrados, que são feitos por meio de concurso como se disse quando se tratou dos exames, sem dependência alguma dos magistrados até do próprio rei, mas somente do seu saber, boa linhagem e virtudes”²⁹, salientando ainda que “proibiu, por leis rigorosas, que ninguém da família real, nem durante a guerra, nem em paz, nem em caso algum poderia exercer cargos na república, quer civis, quer criminais, quer na milícia”³⁰.

Numa palavra, elogia abertamente a organização do governo e o sistema político chineses, descrevendo a China como um paraíso ideal para viver, uma sociedade de leis justas que era administrada por um grupo de letrados confucionistas nomeados por um imperador poderoso e respeitado por todos os seus súbditos.

2. António de Gouveia (1593-1677)

Depois do Pe. Álvaro Semedo, o autor português que mais detalhadamente descreve os exames imperiais foi o Pe. António de Gouveia. O primeiro contacto de António de Gouveia com o império chinês deu-se no ano de 1636. Primeiro foi para Xangai, onde permaneceu por volta de um ano. Depois, passou para a cidade de Hangzhou, capital da Província de Zhejiang, onde recebeu a incumbência de estabelecer uma nova missão em Wuchang, capital da então Província de Huguang.³¹ Passou depois algum tempo em Nanquim e Pequim, para receber instruções. Chegou a Wuchang no início do ano de 1638. Por causa da guerra e enormes convulsões sociais e políticas, o seu trabalho e esforço em

²⁸ Ibidem, p. 95

²⁹ Ibidem, p. 200.

³⁰ Ibidem, p. 200.

³¹ A Província de Huguang corresponde às atuais províncias de Hunan e Hubei; a cidade de Wuchang pertence à atual Província de Hu Bei.

Wuchang não foram bem sucedidos. A seguir, foi enviado sucessivamente para a Cidade de Fujian, capital da Província de Fujian, no Sul da China, Suzhou, Xinghua e Lianjiang, continuando a trabalhar em condições difíceis. No ano de 1669, foi nomeado vice-provincial e depois voltou a Fuzhou, onde faleceu em Fevereiro de 1677, com 85 anos de idade, depois de passar 41 anos em missão na China. Foi não só um missionário exemplar, fiel à sua missão cristã, como também um escritor laborioso, que nos deixou uma grande diversidade de produções bibliográficas respeitantes à sua vida e experiência na vastidão territorial do império chinês. “A produção bibliográfica de António de Gouveia até ao presente identificada ocupa mais de duas mil páginas, agrupadas sob doze títulos diferentes”³². As suas obras principais são: *Cartas Anuas da China* (1636 e 1643-1649), *Ásia Extrema*, *Monarquia da China*, *Innocentia Victrix*, *Pequeno Catecismo* e alguns outros escritos dispersos.

Tal como Semedo, este jesuíta português manifesta também um enorme interesse pelos exames imperiais da China antiga, tanto que, na sua obra *Ásia Extrema*, dedica um capítulo aos “*Exames e Graos nas Sciencias Sínicas*”³³. À semelhança de outros estrangeiros que estiveram na China nesta altura, António de Gouveia também toma conhecimento dos *Quatro Livros* e dos *Cinco Clássicos*: “O auge da Sciencia sinica está nas Letras e Livros que chamão Kim³⁴. Contem preceitos de bem viver e de bom governo”³⁵. Como se sabe, tanto os *Quatro Livros* como os *Cinco Clássicos* consistiam a matéria obrigatória dos exames imperiais. Por isso, todos os que quisessem ser admitidos aos exames deveriam sabê-los de cor, como observou Gouveia: “A estes decorão ou todos, ou so aquelles em que se ham de examinar. Ja de muytos seculos para cá he ley que ninguem se tenha por letrado, nem seja admetido a grao algum de letras, senão pelo estudo e exame destes livros”³⁶.

De acordo com os escritos de António Gouveia, no império chinês existiam apenas mestres particulares: “Cada um escolhe mestre à vontade, tem-no em sua casa com bom salario. São tantos os que podem ensinar, que vencem aos que estudão”³⁷. E o mesmo missionário jesuíta afirma que os chineses, mesmo os meninos pequenos, estudavam muito

³² ARAÚJO, Horácio Peixoto de. *Os Jesuítas no Império da China*, p. 432.

³³ GOUVEA, António de. *Ásia Extrema - Primeira Parte*, pp. 48-56.

³⁴ Jing 经, os clássicos

³⁵ Ibidem, p. 249.

³⁶ Ibidem, p. 249.

³⁷ Ibidem, p. 249.

aplicadamente para tentarem obter algum grau literário nos exames imperiais: “No inverno estudam ate alta noite, que chamão Yé Xu,³⁸ estudo de noite em voz alta, cantando, não so os moços e ja taludos, mas menino de oito e dez anos, com tanta aplicação que nenhua outra cousa cuidão”³⁹. Como Gouveia verifica, “Nesta Sciencia ha tres graos, os quaes se levão por opposição de melhor tema e composição”⁴⁰. A determinado passo da sua obra, Gouveia descreve sucessivamente, e de forma detalhada, os três exames realizados no império chinês. Escreve ele, com efeito: “O 1.º se dá em todas as Cidades onde se faz composição. Preside hum Doutor Mandarim, que chamão Ti Hio;⁴¹ responde a Cancellario”⁴². É muito interessante a explicação de Gouveia a respeito do sentido do primeiro grau literário: “O grao se chama Sicu Cay,⁴³ Bacharel formado. O sentido das duas letras he: habilidade em flor, ou florente, porque ainda lhe faltão os outros graos para ter frutto”⁴⁴. Na observação de Gouveia, o primeiro exame para conseguir o grau de xiu cai (bacharel) consistia em três composições. Aos aprovados neste exame era conferido o grau de bacharel, ficando imediatamente “priviligiados e nobres, tem proprias insignias e cor, vestido, botas e barrete, que só elles podem trazer, não ordinariamente, senão quando visitão e fallão com mandarins e em actos publicos”⁴⁵.

Gouveia verifica que, para os chineses daquela época, receber o grau era um assunto muito importante:

“No dia que se dá este grao, vão os escolhidos para elle a cavallo com suas charamelas e instrumentos de festa ao Paço do Ti Hio, fazem suas ceremonias e cortesias. O Cancelario lhes poem no barrete certas rosas de prata; estão vestido com suas insignias. Recebe [m] o seu Pay pien⁴⁶ (he hua taboa muyto bem lavrada, engessada e charoadá; nella quatro ou letras de meyo revelo, com ouro, de hum palmo

³⁸ 夜书 ye shu, estudar e escrever à noite.

³⁹ Ibidem, p. 249.

⁴⁰ Ibidem, p. 249.

⁴¹ 提调学校官 Ti Diao Xue Xiao Guan, mandarim responsável pela educação de toda a província.

⁴² Ibidem, p. 249.

⁴³ 秀才 Xiu Cai, corresponde ao grau de bacharel de acordo com os jesuítas.

⁴⁴ Ibidem, p. 249.

⁴⁵ Ibidem, p. 250.

⁴⁶ 牌匾 Pai Bian, diploma.

e meyo compridas, cousa de grande estima e uzo na China) com geroglífico em louvor seu e de sua abilidadé”⁴⁷.

Os laureados, além de terem cerimónia e festa com o mandarim responsável, “voltão para suas casas com mayor apparatus e festa, dam banquete aos amigos e parentes, metendo bem de inveja e tristeza aos condiscipulos que ficarão de fora”⁴⁸.

Depois de conseguirem o grau de *xin cai*, os diplomados podiam ser admitidos ao exame provincial. Para referir as palavras do padre Gouveia: “O 2º grau de Kiu gin;⁴⁹ responde ao de Licenciado”⁵⁰. O missionário português escreve que este exame se realizava de três em três anos, na capital de cada província, na oitava lua, que ordinariamente cai no mês de Setembro. De acordo com a *Ásia Extrema*, este exame fazia-se com grande rigor e majestade, a ele assistindo muitos examinadores escolhidos pelo próprio imperador.

“No anno determinado ja por ley ou costume, alguns mezes antes o Tribunal do Paço, Li pu,⁵¹ a quem toca, apresenta ao Emperador cem Mandarins Doutores de fama escolhidos por todas as Provincias, para que predizão em cada Metropoli a este celebre acto, alem de todos os Mandarins actoregentes na mesma Metropoli, que tambem assistem”⁵².

Também os presidentes do exame provincial eram escolhidos e nomeados pelo imperador:

“Os Presidentes que vem da Corte, huns são do Collegio Real, que chamão Han Lin Yuen;⁵³ outros da Meza do Paço. Nomea-os o Emperador a tempo que o não tenham pera receber peitas ou algua outra inteligencia, senão para chegarem à sua

⁴⁷ Ibidem, p. 249.

⁴⁸ Ibidem, p. 249.

⁴⁹ 举人 Ju Ren, são os classificados do exame provincial.

⁵⁰ Ibidem, p. 249. Repare-se que, de acordo com Álvaro Semedo, *Ju Ren* são mestres.

⁵¹ 礼部 Li Bu, Ministério de Ritos.

⁵² Ibidem, p. 251.

⁵³ 翰林院 Han Lin Yuan, Academia Imperial.

Metropoli no mesmo dia em que entrão a exame ou pouco antes; logo se metem no Paço, que chamão Cum Yuen,⁵⁴ e sem visitas nem cortesias, atendem so a exame”⁵⁵.

À semelhança de Álvaro Semedo, Gouveia também faz uma descrição minuciosa do Gong Yuan, o lugar onde se realizava o exame provincial: “cercado de alto muro, com grandes e fermosas sallas, muyto(s) andares e aposentos em que estão os Ma(n)darins que assistem”⁵⁶. Muito impressionado pelas casinhas pequeninas onde os examinandos ficavam durante a prova, escreve o jesuíta português que eram “gaiolinhas”, visto que “nestas não cabe mais que hua meza pequena com um banquinho para o que entra a compor”⁵⁷. Era um exame tão importante que os examinandos eram vigiados rigorosamente por muitos soldados, além de uns dez examinadores, como muito bem descreve Gouveia:

“Muytos mil soldados estão em vegia, de noite e de dia; em toda a rua respondente estão tocando baticas e huas chaaramelas; dentro ha huas como torrinhãs que descobrem tudo em roda; aqui estão Mandarins vigiando como animaes de Ezikiel pera todas as quatro partes, para que de nhnhua aja algum modo de intelligencia com os oppostos”⁵⁸.

Muito bem informado, António de Gouveia refere também que os dias destas composições eram três. Ao entrarem no lugar das provas, os candidatos eram rigorosamente examinados: “Estão muytos guardas para dar busca [...]. Não lhe admitem mais que pinceis, tinteiro, tinta e papel em branco. Se lhe acham outra couza fora disto, tocante a composição e livro, não so são excluidos, mas açoutados severamente”⁵⁹. A seguir, Gouveia descreve-nos, de forma pormenorizada, os temas respectivos das composições que os examinandos tinham de fazer durante os três dias. À semelhança de Álvaro Semedo, também refere de

⁵⁴ 贡院 Gong Yuan, lugar onde se realizava o exame provincial.

⁵⁵ Ibidem, p. 251.

⁵⁶ Ibidem, p. 249.

⁵⁷ Ibidem, p. 249.

⁵⁸ Ibidem, p. 249.

⁵⁹ Ibidem, p. 249.

forma correcta o Sistema de Anonimato aplicado nos exames imperiais desde a dinastia Song do Norte:

“Em todos os tres dias, nos temas que dão, escrevem seus nomes e terras, pays, avós; fechados muyto bem, os offerecem aos Mandarins superentendentes. Estes, antes que os entreguem aos examinadores, os fazem tresladar pelos curiais que estão a ponto, mas tudo he tinta vermelha, ficando os originais em preto nas mãos do Cha Yuen⁶⁰ muy fechados e guardados. Os treslados, sem nome e sem distinção algua, entregão aos deputados pera ver e examinar”⁶¹.

Com este sistema, os examinadores só escolhiam as composições melhores para dar o grau de licenciatura de acordo com o número, sem ver o nome dos examinados. Depois da publicação dos resultados, havia igualmente “a festa, o applauso, o banquete [...], os parabéns dos parentes, dos amigos, todos com presentes de prata e com muytas outras cerimónias”.⁶² Nas palavras de António de Gouveia, os dois presidentes do exame dirigiam “todo este acto celebre”,⁶³ relatavam os nomes dos licenciados, e depois davam “memorial ao Emperador de tudo o que se tem feito nesta materia”⁶⁴.

O último grau literário chamava-se “jin shi”, correspondente ao de “doutor”, de acordo com os dizeres de Gouveia: “O 3º grau, e ultimo no saber e no montar, he de Cin Su,⁶⁵ quer dizer, Doutor”.⁶⁶ O jesuíta não refere o nome próprio deste exame, mas descreveu corretamente, nos seus escritos, o tempo e a forma de como fazer o exame: “Dasse de tres em tres annos so na Corte de Pé Kim,⁶⁷ e sempre he o anno seguinte ao dos

⁶⁰ 差员 Chai Yuan, funcionário imperial

⁶¹ Ibidem, p. 251.

⁶² Ibidem, p. 251.

⁶³ Ibidem, p. 251.

⁶⁴ Ibidem, p. 251.

⁶⁵ 进士 Jin Shi, igual à Doutor segundo a expressão dos jesuítas.

⁶⁶ Ibidem, p. 253.

⁶⁷ 北京, Pequim

Licenciados. Entrão e vão à Corte a este exame so os Kiu gin⁶⁸ de todo o Imperio. O tempo he na segunda Lua, nos mesmos dias, com as mesmas ceremonias e rigor que os Kiu gin⁶⁹.

Note-se também que os presidentes eram diferentes dos do exame provincial, eram “*Ko Laos*”.⁷⁰ Como já foi anteriormente referido, os primeiros três melhores doutores tinham designações especiais. Porém, Gouveia só referiu no seu tratado uma dessas designações: “O que dos 300 levou o primeiro lugar chamão Chuam yuen⁷¹, omitindo as designações para aqueles que ganhavam o segundo e o terceiro lugares, que eram “*Ban Yan*” e “*Tan Hud*”, respectivamente. António de Gouveia está inteiramente correcto quando afirma que os melhores doutores neste exame gozavam de grande honra e prestígio: “O que leva o primeiro e segundo lugar neste exame, toda a vida fica em alta reputação, anda sempre nos effeitos e dignidades mais altas da China; a qual honra e dignidade, se fora por herança, respondia a hum Marquezado em Europa”.⁷² Aos novos doutores logo eram oferecidos altos cargos no governo. Na justa observação do missionário jesuíta: “Os Doutores escolhidos, logo vão ser Mandarins pelas Provincias; os que acertarão mais alto ficão na Corte servindo, e os primeiros ficão no Collegio Real, melhor que todos⁷³”.

O Pe. António de Gouveia deixa-nos uma descrição detalhada e vívida dos exames na China imperial; mas, entretanto, os seus escritos contêm observações erradas e omissões de informações importantes. Por exemplo, não está correto quando afirma, a determinado passo, que “não ha Academia nem Universidade pulítica em toda a China [...], nem ha mestres publicos que ensinem esta ethica⁷⁴”.

⁶⁸ 举人 Ju Ren, igual à Licenciado segundo a expressão de Gouvea.

⁶⁹ Ibidem, p. 253.

⁷⁰ Ibidem, p. 254, 阁老 Ge Lao, alto secretário da Corte Imperial.

⁷¹ 状元 Zhuang Yuan, aquele que ganhou o primeiro lugar no 3º exame. António Gouveia, *Ásia Extrema - Primeira Parte*, p. 253.

⁷² Ibidem, p. 253.

⁷³ Ibidem, p. 253.

⁷⁴ Ibidem, p. 249.

3. Gabriel de Magalhães (1610-1677)

O padre Gabriel de Magalhães partiu para Goa em 1634 e entrou na China interior em 1640. Depois de viver algum tempo em Hangzhou da província de Zhejiang, onde estudou sistematicamente a língua e cultura chinesas. Como era um missionário dotado de grande habilidade manual, a mecânica, a astrologia e a relojoaria, foi convidado pelo imperador para trabalhar na corte de Pequim, onde passou o resto da vida. Baseando-se na sua vivência e experiência na China, Gabriel de Magalhães escreveu uma obra Nova Relação da China (*Nouvelle Relation de la Chine*), em que há vários capítulos dedicados aos exames chineses.

Segundo Gabriel de Magalhães, a primeira coisa exigida aos padres que iam para uma missão cristã na China era “estudar as letras e a língua chinesa”⁷⁵, salientando ainda que, através do estudo dos numerosos clássicos chineses, ficaram admirados pelo “engenho, o trabalho e eloquência desta nação”⁷⁶ O jesuíta português fica completamente admirado pela inteligência dos chineses, alegando que “foram eles os primeiros que inventaram as letras, o papel, a impressão, a pólvora, a porcelana fina e as suas letras”⁷⁷ e também compreendiam com facilidade os livros feitos pelos padres europeus em relação à Matemática, Filosofia e Teologia. O padre português manifesta igualmente respeito e admiração por Confúcio, dizendo que ele é “*príncipe, santo, mestre e doutor dos chineses*”⁷⁸. Refere ainda que Confúcio era tão honrado e respeitado tanto por reis como pelo povo de todas as dinastias, que a sua família e a sua casa na terra onde nasceu nunca sofreram alterações apesar de que o império tivesse sido muitas vezes perturbado e com mudança de dominantes.

Impressiona-se pela quantidade dos licenciados na China: “Que reino existe, por mais universidade que possua, que tenha mais de dez mil licenciados como a China”⁷⁹. O jesuíta português estabelece uma comparação com outros estados, dizendo que não existia nenhum estado que tinha tantos bacharéis como na China e que não havia países onde o conhecimento era tão universal e comum como na China. Nota que, para obterem o grau

⁷⁵ Magalhães, Gabriel de. *Nova Relação da China*, p. 125.

⁷⁶ *Ibidem*, p. 138.

⁷⁷ *Ibidem*, p. 129.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 123.

⁷⁹ *Ibidem*, p. 130.

de doutor, os licenciados tinham de ser submetidos aos rigorosos exames em Pequim. Fica igualmente impressionado pelo número dos bacharéis na China, afirmando que existiam 80.000. Na observação de Gabriel de Magalhães, “não há país algum, onde o conhecimento das letras seja tão universal e comum, pois que, nas províncias meridionais, principalmente, não há quase nenhum homem, pobre ou rico e burguês ou aldeão, que não saiba ler e escrever”⁸⁰.

Tal como o seu compatriota Álvaro Semedo, Gabriel de Magalhães também estudou cuidadosamente os *Quatro Livros* e *Cinco Clássicos* da China, notando que estes clássicos eram fundamentais para os exames pelo facto de que “os mandarins extraem deles sentenças e textos que servem de temas aos letrados que são examinados para os graus de bacharéis, licenciados e doutores, e com os quais fazem as suas composições”⁸¹. Em seguida, o jesuíta português dá uma breve apresentação sobre os exames para selecção de “*ken gin*” (doutor), “*homens ilustres pelas letras*”⁸² na expressão do missionário português. Na observação de Gabriel, os licenciados reuniam-se todos os três anos na corte de Pequim, onde eram examinados durante treze dias, e entre esses numerosos candidatos, seria conferido o grau de doutor a apenas 366 que revelaram talento nas suas composições. Acrescenta ainda que o rei ia escolher os novos doutores mais inteligentes e talentosos para integrar em Hân Lin Iuen, “*Jardim ou Bosque Florescente em Letras e em Ciências*”⁸³, que era composto por sábios do império, dedicando-se a registar os acontecimentos do império, compor a História Geral do Império, bem como fazer livros de várias matérias, além disso, competia-lhes ainda conversar com os imperadores sobre as ciências, dando-lhes conselhos sobre os assuntos do império. Na conclusão do religioso português, estes mandarins letrados eram talentosos que estavam sempre disponíveis a servir o império e o imperador, elogiando francamente a lealdade dos mandarins letrados chineses.

Os jesuítas portugueses Álvaro Semedo e António de Gouveia, que vivem mais de duas décadas no império chinês, transmitiram-nos um retrato muito favorável e idealizado do sistema de exames da China imperial no século XVII, através das suas obras dedicadas à

⁸⁰ Ibidem, p. 130

⁸¹ Ibidem, p. 138.

⁸² Ibidem, p. 201

⁸³ Ibidem, p. 201

China. Todos eles expressam abertamente a sua grande admiração por este sistema de seleção de mandarins letrados, através dos exames efetuados pública e imparcialmente naquele império, elogiando altamente essa imparcialidade para toda a gente, quer em relação aos ricos, quer em relação aos pobres, perante as oportunidades de obter cargos oficiais.

O sistema de exames, na ótica dos portugueses, era idealizado e imparcial. Mas a verdade é que, à medida que o sistema feudal decaía gradualmente, a corrupção era cada vez mais grave no governo de Ming. O sistema de exames imperiais tornou-se bastante rígido no último período da dinastia Ming, particularmente com o aparecimento do sistema de seleção de mandarins letrados apenas através da *Ba Gu Wen*⁸⁴, iniciado no período final do século XV, o que inibiu gravemente o pensamento e a criatividade, embotando as capacidades dos examinandos e impedindo naturalmente o desenvolvimento da sociedade. O sistema de exames da China imperial, que durou mil e trezentos anos, contribuiu imenso para o desenvolvimento cultural chinês durante as dinastias Tang e Song, visto que promoveu o progresso político e social. Embora a crítica ao sistema de exames tenha começado mesmo na altura do seu nascimento, tornou-se um assunto secundário na dinastia Tang e Song. O sistema de exames da China imperial chegou ao seu apogeu nas dinastias Ming e Qing, tornando-se um dos sistemas políticos mais amplos e predominantes na sociedade; porém, simultaneamente, a sua influência negativa e os abusos praticados alcançavam também uma gravidade sem precedente. Por isso, o sistema de exames foi censurado e criticado vigorosamente pela sociedade durante as dinastias Ming e Qing.

Em jeito de balanço global, a descrição que Álvaro Semedo, António de Gouveia e Gabriel de Magalhães apresentam da cultura chinesa ultrapassou muito a dos seus antecessores, contribuindo enormemente para a formação correcta de uma imagem da China na Europa. A sua descrição informadíssima do sistema dos exames imperiais aprofundou os conhecimentos da cultura chinesa nos europeus, sobretudo a narração do sistema de exames na China imperial e a política de recrutamento de mandarins letrados, dando sem falta uma certa contribuição para o estabelecimento do sistema de exames e de letrados na Europa dos séculos XVIII e XIX.

⁸⁴ 八股文 Ba Gu Wen, prosa de oito pernas.

Referências Bibliográficas

I Obras e artigos em língua estrangeira

ARAÚJO, Horácio Peixoto de. (2000). *Os Jesuítas no Império da China O Primeiro Século (1582-1680)*. Macau: Instituto Português do Oriente.

BASTO, Abílio. (1998). *Os Exames na China Imperial*. Macau: Fundação Macau.

BOXER, Charles Ralph. (1990). *Fidalgos no Extremo Oriente*. Macau: Fundação Oriente e Museu e Centro de Estudos Marítimos de Macau.

CHANG, Tien-tse. (1969). *Sino-portuguese Trade from 1514 to 1644 – A Synthesis of Portuguese and China Sources*. Leiden: E.J.Brill.

CORTESÃO, Armando. (1990). *Primeira Embaixada Europeia à China*. Macau: Instituto Cultural de Macau.

COUCEIRO, Gonçalo. (1997). *A Igreja de S. Paulo de Macau*. Lisboa: Livros Horizonte.

GOUVEIA, António de. (1995). *Ásia Extrema*, Livro 1, Edição, introdução e notas de Horácio P. ARAÚJO. Macau: Fundação Oriente.

LOUREIRO, Rui Manuel. (2000). *Fidalgos, Missionários e Mandarins – Portugal e a China no Século XVI*. Lisboa: Fundação Oriente.

MAGALHÃES, Gabriel de. (1997). *Nova Relação da China*. Macau: Fundação Macau & Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.

MESKILL, John. (1982). *Academies in Ming China A Historical Essay*. Tucson, Arizona: The University of Arizona Press.

MIYAZAKI, Ichisada. (1981). *China's Examination Hell The Civil Service Examinations of Imperial China*. New Haven and London: Yale University Press.

MUNGELLO, D.E. (1989). *Curious Land – Jesuit Accommodation and the Origins of Sinology*. Honolulu: University of Hawaii Press.

OLIVEIRA, Fernando Correia de. (1998). *500 Anos de Contactos Luso-Chineses*. Macau: Fundação Oriente.

SEMEDO, Álvaro. (1994). *Relação da Grande Monarquia da China*. Macau: Fundação Macau e Direcção dos Serviços de Educação e Juventude.

II Obras e artigos em chinês

- DENG, Siyu. (1966). *Zhongguo Kaoshi Zhidu Shi (História do Sistema de Exames da China)*. Taibei: Editora de Estudante de Taiwan.
- GUO, Qijia. (1997). *Zhongguo Gudai Kaoshi Zhidu (Sistema de Exames da China Antiga)*. Pequim: Editora Comercial.
- JIN, Zheng. (1990). *Keju Zhidu Yu Zhongguo Wenhua (Sistema dos Exames e a Cultura Chinesa)*. Xangai: Editor Popular de Xangai.
- LI, Baojia. (1957). *Guanchang Xianxing Ji (Revelação da Feição Verdadeira do Círculo Oficial)*. Pequim: Editora da Literatura Popular.
- LI, Guojun. (1998). *Zhongguo Shuyuan Shi (História de Academia da China)*. Hunan: Editora de Educação de Hunan
- NAN, Binwen&TANG, Gang. (1992). *Ming Shi (História da Dinastia Ming)*. Xangai: Editora Popular de Xangai.
- PFISTER, Louis. (1995). *Zaibua Yesu Huisi Liezhuan Ji Shumu (Notices Biographiques et Bibliographiques Sur Les Jésuites de L'Ancienne Mission de Chine 1552-1773*, traduzido para chinês por Chengjun FENG). Pequim, Editora Zhonghua.
- SHANG, Chuan. (1998). *Mingdai Wenhua Zhi (História da Cultura da Dinastia Ming)*. Xangai: Editora Popular de Xangai.
- SHANG, Yanliu. (1983). *Qingdai Keju Kaoshi Shulu (Registos dos Exames Imperiais da Dinastia Qing)*. Pequim: Editora da Livraria Sanlian.
- SHEN, Fuwei. (1985). *Zhongxi Wenhua Jiaoliu Shi (História do Intercâmbio Sino-ocidental)*. Xangai: Editora Popular de Xangai.
- WANG, Kaixuan. (2001). *Hongquan LI, Mingqing Shenbuo Lueying (Uma Vista da Vida nas Dinastias Ming e Qing)*. Shenyang: Editora de Shenyang.
- WU, Jinzi. (1982). *Rulin Waishi (História dos Literatos)*. Pequim: Editora da Literatura Popular.
- WU, Mengxue& ZENG, Liya. (2000). *Mingdai Ouzhou Hanxue Shi (História da Sinologia Europeia da Dinastia Ming)*. Pequim: Editora de Dongang.
- ZHANG, Guogang. (2001). *Mingqing Chuanjiao Shi Yu Ouzhou Hanxue (Os Jesuítas das Dinastias Ming e Qing e Sinologia Europeia)*. Pequim: Editora da Ciência Social da China.